

aquelles, que hão de existir em tempo a ellas muito posterior.

12 Eu o Ecclesiastes fui Rei d'Israel em Jerusalem.

13 E propuz no meu coração inquirir e investigar sabiamente todas as cousas, que se fazem debaixo do Sol. Esta pessima occupação deo Deos aos filhos dos homens, para que se occupassem n'ella.

14 Eu vi tudo o que se passa debaixo do Sol, e eis-que achei que tudo era vaidade, e afflicção d' espirito.

15 Os perversos difficultosamente se corrigem, e o numero dos insensatos he infinito.

16 Eu fallei no meu coração, dizendo: Eis-me aqui feito hum homem grande, e que a todos os que antes de mim houve em Jerusalem, excedi em sabedoria, e o meu espirito contemplou muitas cousas com grande attenção, e eu aprendi muito.

17 E appliquei o meu coração a saber a prudencia, e a doutrina, e os erros, e a estulticia: e vim a conhecer que ainda n'isto havia trabalho, e afflicção do espirito;

18 Por quanto na muita sabedoria ha muita indignação: e o que accrescenta a sciencia, tambem accrescenta o trabalho.

### CAPITULO II.

*Vaidade dos deleites, das riquezas, dos edificios, e de enthesourar para hum herdeiro desconhecido.*

**E**U disse no meu coração: Irei, e engolfar-me-hei em delicias, e gozarei de toda a casta de bens. Mas vi que tambem isto era vaidade.

2 Reputei o riso por hum erro: e disse ao gosto: Porque te enganas tu assim vamente?

3 Pensei dentro no meu coração apartar do vinho a minha carne, a fim de passar o meu animo á sabedoria, e evitar a estulticia, até ver que cousa fosse util aos filhos dos homens: em que occupação tem elles necessidade de se empregar debaixo do Sol desfrutando o numero dos dias de sua vida.

4 Tracei as minhas obras com toda a magnificencia, edifiquei para mim casas, e plantei vinhas;

5 Fiz jardins e pomares, e puz n'elles arvores de toda a especie;

6 E construi em minha utilidade depositos d'aguas para regar o bosque de novo arvoredado:

7 Possui servos e servas, e tive muita familia; tambem gados maiores, e grandes rebanhos d'ovellas, mais do que todos os que houve antes de mim em Jerusalem;

8 Amontoei para meu uso prata, e ouro, e as riquezas dos Reis e das Provincias: para me lisonjearem os ouvidos escolhi musicos e cantarinas, e tudo o mais que faz as delicias dos filhos dos homens, taças, e jar-

ros, de que se compõe huma copa para a serviço do vinho:

9 E venci em riquezas a todos os que forão antes de mim em Jerusalem: perseverou tambem comigo a sabedoria.

10 E não neguei aos meus olhos cousa alguma de todas quantas elles desejáram: nem prohibi ao meu coração que gozasse de todo o prazer, e se deleitasse nas cousas, que eu lhe tinha preparado: e assentei que seria esta a minha sorte, se eu desfrutasse o meu trabalho.

11. E tendo voltado os olhos a todas as obras, que havião feito as minhas mãos, e aos trabalhos, em que eu debalde tinha suado: vi em tudo vaidade e afflicção de animo, e que nada havia permanente debaixo do Sol.

12 Passei á contemplação da sabedoria, e dos erros, e da estulticia (que he o homem, disse eu, para poder seguir ao Rei seu Creador?)

13 E reconheci que a sabedoria levava tanta vantagem á estulticia, quanto a luz differe das trévas.

14 Os olhos do sabio estão na sua cabeça: o insensato anda em trévas: e aprendi que era huma mesma a morte de hum, e d'outro.

15 E disse dentro no meu coração: Se huma ha de ser a morte do insensato e a minha, de que me serve ter-me eu applicado com maior desvelo á sabedoria? E tendo conversado sobre isto com a minha alma, adverti que tambem isto era vaidade.

16 Porque a memoria do sabio, do mesmo modo que a do insensato, não será para sempre, e os tempos futuros tudo sepultaráo igualmente no esquecimento: tanto morre o douto, como o indouto.

17 E por isso a minha vida se me torno fastidiosa, vendo que toda a sorte de males ha debaixo do Sol, e que tudo he vaidade e afflicção d' espirito.

18 Em consequencia do que, detestei toda a minha industria, com que trahalhei diligentissimamente debaixo do Sol, para haver de ter depois de mim hum herdeiro,

19 Que ignoro se ha de ser sabio, ou insensato, mas elle será senhor dos meus trabalhos, em que eu suei, e me affadiguei: e ha cousa que seja tão vá?

20 Por onde abri mão de todas estas cousas, e o meu coração renunciou tudo o que era d' alli por diante affadigar-se debaixo do Sol.

21 Porque depois de hum ter trabalhado com sabedoria, e doutrina, e diligencia, vem a deixar tudo o que adquirio a hum homem ocioso: e isto he tambem vaidade, e hum grande mal.

22 Por quanto que proveito tirará o homem de todo o seu trabalho, e da afflicção d' espirito, com que he atormentado debaixo do Sol?

23 Todos os seus dias são cheios de dores, e d'amarguras, nem se quer de noite descança com o pensamento: e acaso não he isto vaidade?

24 Não he melhor comer, e beber, e fazer bem á sua alma do fructo de seus trabalhos? mas isto vem da mão de Deos.

25 Quem se fartará, e gozará de toda a sorte de delicias, tanto como eu?

26 Deos, ao homem bom na sua presença deo sabedoria, e sciencia, e alegria: mas ao peccador deo afflicção, e cuidado superfluo, para que elle ajunte mais e mais, e adquira bens sobre bens, e os deixe a hum homem, que agradou a Deos: mas ainda isto he vaidade, e hum tormento do espirito bem inutil.

CAPITULO III.

*Todas as cousas tem seu tempo. O estudo das cousas naturaes he vão. Os homens, e os brutos morrem igualmente.*

**T**ODAS as cousas tem seu tempo, e todas passam debaixo do Ceo, segundo o termo que a cada huma foi prescripto.

2 Ha tempo de nascer, e tempo de morrer. Ha tempo de plantar, e tempo d'arrancar o que se plantou.

3 Ha tempo de matar, e tempo de sarar. Ha tempo de destruir, e tempo d'edificar.

4 Ha tempo de chorar, e tempo de rir. Ha tempo de se affligir, e tempo de saltar de gosto.

5 Ha tempo d'espalhar pedras, e tempo de as ajuntar. Ha tempo de dar abraços, e tempo de se pôr longe d'elles.

6 Ha tempo d'adquirir, e tempo de perder. Ha tempo de guardar, e tempo de lançar fóra.

7 Ha tempo de rasgar, e tempo de cozer. Ha tempo de calar, e tempo de fallar.

8 Ha tempo d'amor, e tempo d'odio. Ha tempo de guerra, e tempo de paz.

9 Que tem mais o homem de todo o seu trabalho?

10 Eu vi a afflicção que Deos deo aos filhos dos homens, para que se enchão d'ella.

11 Tudo o que elle fez, he bom em seu tempo, e entregou o Mundo ás suas disputas, sem que o homem possa conhecer as obras, que Deos fez desde o principio até o fim.

12 E eu reconheci, que não havia cousa melhor, do que alegrar-se o homem, e fazer bem, em quanto lhe dura a vida.

13 Porque todo o homem, que come, e bebe, e que tira o bem do seu trabalho, recebe isto por hum dom de Deos.

14 Eu aprendi que todas as obras, que Deos fez, perseverão para sempre: nós não podemos acrescentar, nem tirar nada ao que Deos fez, a fim de que elle seja temido.

15 O que soi feito, isso mesmo perma-

nece: as cousas que hão de ser, já forão: e Deos renova aquillo, que passou.

16 Eu vi debaixo do Sol a impiedade no lugar do juizo, e a iniquidade no lugar da justiça.

17 E eu disse no meu coração: Deos julgará o justo, e o impio, e então será o tempo de todas as cousas.

18 Eu disse no meu coração ácerca dos filhos dos homens, que Deos os provava, e lhes mostrava, que erão semelhantes aos brutos.

19 Por isso huma he a morte dos homens, e dos brutos, e de huns, e outros he igual a condição: do mesmo modo que morre o homem, assim morrem tambem os brutos: todos respirão da mesma sorte, e o homem não tem nada de mais, do que o bruto: tudo está sujeito á vaidade,

20 E todos elles caminão a hum lugar: de terra forão feitos, e em terra se tornão do mesmo modo.

21 Quem sabe se o espirito dos filhos d'Adão subirá para cima, e se o espirito dos brutos descera para baixo?

22 E eu reconheci que nada havia melhor, do que alegrar-se o homem nas suas obras, e que esta era a parte que lhe cabia. Porque quem o poderá pôr em estado de conhecer, o que ha de ser depois d'elle?

CAPITULO IV.

*Calúmnias, violencias, e ciúmes dos homens, huns contra os outros. Ociosidade dos insensatos. Loucura dos avaros. Utilidade da vida social. Vaidade do Poder Sobrano. Obediencia preferivel aos sacrificios.*

**E**U me voltei para outras cousas, e vi as calúmnias, que se passam debaixo do Sol, e as lagrimas dos innocentes, e que ninguem os consolava: nem elles podião resistir á violencia dos que os vexavão, destituídos de todo o soccorro.

2 E louvei mais os mortos, do que os vivos:

3 E reputei mais venturoso do que huns, e outros, ao que ainda não he nado, e que não tem visto os males, que se fazem debaixo do Sol.

4 Contemplei de novo todos os trabalhos dos homens, e fiz reparo em que as suas industrias se achão expostas á inveja do proximo: e n'isto ha tambem vaidade, e cuidado superfluo.

5 O insensato cruza as suas mãos, e come as suas carnes, dizendo:

6 Mais val hum punhadinho com descanço, do que ambas as mãos cheias com trabalho, e afflicção do animo.

7 Tornando a considerar, achei ainda outra vaidade bebaixo do Sol.

8 Ha hum tal, que he só, e que não tem ninguem comsigo, nem filho, nem irmão, e que todavia não cessa de trebalhar, nem os